

# VARIAÇÃO LEXICAL PARA O ITEM “PROSTITUTA” NO AMAPÁ

## *LEXICAL VARIATION FOR THE ITEM “PROSTITUTE” IN AMAPA*

Romário Duarte Sanches<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Pará

Abdelhak Razky<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará

### RESUMO

Este artigo objetiva mostrar as variantes lexicais para o item *prostituta*, encontradas nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá – ALAP. Como pressupostos teóricos e metodológicos, adotamos as reflexões e contribuições de Thun (2000), Biderman (2001), Aragão (2009), Cardoso (2010) e Razky (2013). A pesquisa segue o método geolinguístico, comumente usado para cartografar os usos linguísticos. Para pesquisa de campo, consideramos 10 municípios do estado do Amapá, como pontos de inquéritos, onde foram selecionados 40 informantes, estratificados socialmente pelo sexo (homem e mulher) e idade (1ª faixa etária e 2ª faixa etária). Foi aplicado o questionário Semântico-Lexical, elaborado pelo Comitê do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). Analisamos neste trabalho o item lexical *prostituta*, do campo semântico *Convívio e Comportamento Social*. Os resultados apontam que, no Amapá, foram encontradas 20 variantes lexicais usadas para se referir ao item *prostituta*. Observamos também que a variação no aspecto social é mais influente do que a variação geográfica; e que algumas das variantes encontradas também podem ser observadas nos dados mapeados e descritos para o projeto ALiB.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialetoлогия; Geolinguística; Pluridimensional; Variação Lexical

1 Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Bolsista CAPES/UFPA. E-mail: romariodsanches@gmail.com.

2 Doutor em Linguística pela Université de Toulouse Le-Mirail. Pós-doutorado Université de Toulouse Le-Mirail. Atualmente é docente e pesquisador na Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: arazky@gmail.br.

## ABSTRACT

This article aims to show the lexical variants for *prostitute* item, found in project data *Atlas Geossociolinguístico do Amapá- ALAP*. As theoretical and methodological assumptions, we adopted the reflections and contributions of Thun (2000), Biderman (2001), Aragão (2009), Cardoso (2010) and Razky (2013). The research follows the geolinguistic method, commonly used for mapping the linguistic uses. For field research, we consider 10 municipalities in the state of Amapá, as points of surveys where 40 informants were selected, stratified socially by gender (male and female) and age (1st age and 2nd age group). Was applied the Semantic-Lexical questionnaire prepared by the Committee ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*). Analyzed in this study the lexical item *prostitute*, the semantic field *convívio e comportamento social*. The results show that in Amapá about 20 lexical variants used to refer to *prostitute* item. We also note that the change in the social aspect is more influential than the geographical variation; and that some of the variants found can also be observed in the data mapped and described for ALiB project.

**KEYWORDS:** Dialectology; Multidimensional Geolinguistic; Lexical Variation.

## INTRODUÇÃO

A dialetologia, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994), é a ciência que surgiu nos fins do século XIX, e que demonstra até os dias de hoje, um maior interesse pelos dialetos regionais, rurais e sua distribuição e intercomparação. Assim, por muito tempo, antes mesmo de a sociolinguística ter se firmado como um ramo da ciência da linguagem, a dialetologia já se utilizava de recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da sociolinguística.

Conforme Razky (2013), a dialetologia tradicional por muito tempo se ocupou apenas da distribuição geográfica dos dialetos. Uma das atividades mais clássicas era a proposição de isoglossas (linhas imaginárias) que delimitam dialetos ou falares próprios de determinada região. A partir dos estudos tradicionais em dialetologia, Thun (2000) percebeu a necessidade de aprimorar tal ramo de estudo e propôs a chamada Dialetologia

Pluridimensional que, segundo Aguilera e Altino (2012, p. 881) “diz respeito à importância e à necessidade de associar dados diastráticos, diagenéricos, diageracionais, diarreferenciais e diamésicos aos dados diatópicos da Geolinguística iniciada por Wenker e Gilliéron, no final do século XIX”.

Cardoso (2010), por meio das discussões de cunho epistemológico e metodológico, amplia o conceito de dialetologia afirmando ser um ramo dos estudos linguísticos que assume a tarefa de identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. As pesquisas dialetais procuram, de certo modo, observar as relações entre o espaço geográfico e os fatos linguísticos, na tentativa de compreender o fenômeno da variação linguística a partir dos estudos feitos *in loco*. No que tange a sua relevância social, Oliveira (2005) mostra que esse tipo de pesquisa está voltado para a diversidade linguística existente no país, em virtude de sua extensão territorial e das influências linguísticas recebidas.

Historicamente, os principais trabalhos e estudos de natureza dialetal no Brasil são descritos, por Ferreira e Cardoso (1994), em três grandes fases, no entanto, tal proposta foi posteriormente atualizada. Não muito diferente das divisões que foram propostas em 1994, Mota e Cardoso (2006) propõem quatro fases que descrevem a história dos estudos dialetais no contexto brasileiro. A primeira fase corresponde ao período de 1826 a 1920. A segunda compreende de 1921 a 1952. A terceira segue de 1953 a 1996. E a última, quarta fase, vai de 1996 aos dias atuais. Em resumo, cada fase se caracteriza por um aspecto específico de estudo e/ou evento.

Grosso modo, a primeira fase caracteriza-se pelo predomínio da produção de obras de caráter lexicográfico. A segunda pela produção de obras de caráter monográfico, específicas de determinada região, além da produção de obras gerais sobre o português do Brasil. A terceira fase caracteriza-se, principalmente, pelo surgimento dos trabalhos geolinguísticos, com a elaboração de atlas de diferentes estados da Federação. A quarta fase refere-se aos trabalhos dialetais desenvolvidos a partir do momento em que o Projeto ALiB deu início às suas atividades. (ROMANO, 2013, p. 206).

A partir dos estudos dialetais e geolinguísticos já publicados e os que ainda estão em andamento, torna-se imprescindível a referência a um dos maiores projetos já firmados no país, o projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

O momento mais importante e que deu impulso para a construção do ALiB, segundo Cardoso (2014), foi o *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia, em 1996. Tal evento foi favorável à construção do projeto, pois reuniu pesquisadores no campo da dialetologia e da sociolinguística, contando com a presença dos autores de atlas linguísticos já publicados, até àquela época.

Atualmente a equipe responsável pela concretização do Projeto ALiB é integrada nacionalmente, contando com a participação de diversas Universidades brasileiras, bem como professores e pesquisadores da área. Uns dos principais objetivos do projeto são documentar e mapear a língua falada em seus diversos aspectos, correspondentes a 250 localidades distribuídas por todo o território nacional e representativas das diversas regiões. Até o momento, o ALiB conta com dois volumes publicados, vol. 1 – Introdução e vol. 2 – Cartas linguísticas 1.

Como fruto das diversas pesquisas dialetais e geolinguísticas, impulsionadas pelo projeto ALiB, tem-se como um projeto de atlas em andamento, o Atlas Geossolinguístico do Amapá – ALAP o qual visa, de forma geral, documentar e mapear a língua falada em 10 localidades do estado, evidenciando os aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais.

Apresentamos nas seções seguintes um panorama dos estudos dialetais e geolinguísticos, já realizados no Brasil, especificamente, sobre a variação lexical para o item *prostituta*. Em seguida, passamos para análise do item em questão, mostrando os usos linguísticos para *prostituta* realizados no Amapá.

## 1 Variação lexical para “prostituta” no Brasil

Para Razky (2013), o léxico tem sido estudado sob várias perspectivas. Há, de um lado, pesquisas que se voltam para o estudo da história do léxico, descrevendo-o e analisando-o com base numa abordagem diacrônica. De outro, existem aquelas que, por meio de pesquisa de campo, registram o falar de determinadas comunidades linguísticas, num plano sincrônico, ou

que fazem, ainda, um estudo léxico-comparativo entre o estado atual da fala e os documentos escritos em épocas anteriores.

Atualmente, os estudos acerca do léxico são inúmeros, abrangendo diversas áreas, bem como lexicologia, lexicografia, terminologia e socioterminologia, entre outras. Em termos de conceituação do que venha ser o léxico, Dubois (2006) *apud* Razky (2013) entende como um conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade. Já Biderman (2001) conceitua da seguinte forma:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. (BIDERMAN, 2001, p. 179).

A respeito da mudança lexical, pode-se dizer que as mudanças políticas e culturais não causaram, nem causam transformações imediatas no sistema lexical, pois todas as mudanças no léxico resultam da fala, ou seja, do uso da língua – através da fala se produzem as mudanças no sistema lexical, mudando as normas e, conseqüentemente, criando novas normas. (BASÍLIO, 2007, p. 21).

Assim, caberá aos estudos lexicais explicar o uso alternante de certas formas léxicas em determinadas condições linguísticas e extralinguísticas, bem como as diferentes unidades de origem geolinguística presentes em dada comunidade linguística, na tentativa de identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais: léxico de faixa etária, de profissão, escolaridade, entre outros fatores.

De acordo com Aragão (1999), as variações lexicais podem também ser, e geralmente são, consideradas, ora como puramente geográficas (dialetais ou diatópicas), como sociais (diastráticas), ou ainda dependentes do estilo (estilísticas ou diafásicas).

Após essa breve introdução sobre o que seria o léxico e como acontece a mudança e variação lexical, procuramos investigar os diversos

usos linguísticos para *prostituta* em alguns trabalhos que tratam da variação lexical do item supracitado. Desta forma, selecionamos os trabalhos de Cristianini (2007), Almeida (2009), Aragão (2009; 2014), Guedes (2012) e Cardoso (*et. al*) (2014).

O estudo de Cristianini (2007) se atenta para a variação semântico-lexical na Região do grande ABC, São Paulo. Em sua tese, a autora mostra que, para o item lexical *prostituta*, foram registradas 11 variantes: *prostituta*, *vagabunda*, *galinha*, *mulher de programa*, *piranha*, *meretriz*, *mulher da vida*, *mulher mundana*, *mulher safada* e *quenga*. Já na dissertação de Almeida (2009), que culminou no Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco, a pesquisadora encontrou como variantes mais recorrentes as lexias *prostituta* e *rapariga*.

Em relação aos estudos na Região Norte do Brasil, Aragão (2009) relacionou 10 variantes distribuídas entre Pará, Amapá, Roraima, Amazonas, Acre e Rondônia. As variantes encontradas foram: *prostituta*, *puta*, *rapariga*, *mulher da vida*, *mulher de programa*, *garota de programa*, *mulher da vida fácil*, *mulher sem dignidade*, *quenga* e *leviana*. Outro trabalho que contempla o item lexical *prostituta* no Norte está na dissertação de Guedes (2012) que documentou as variantes semântico-lexicais na zona rural do Pará. O autor registrou 16 lexias: *prostituta*, *rapariga*, *puta*, *fácil*, *safada*, *trambiqueira*, *vadia*, *mulher de programa*, *garota de programa*, *corre-mão*, *farinha*, *quenga*, *mulher de não se dá valor*, *mãe solteira* e *prima*.

No Nordeste brasileiro, Aragão (2014) faz um levantamento de dados linguísticos procurando evidenciar as variantes lexicais para *prostituta* em nove capitais do Nordeste: Aracaju, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Natal, Recife, Salvador, São Luís e Teresina. De acordo com a autora, foram encontradas 56 variantes, mas foram selecionadas apenas 37, totalizando 184 ocorrências, as variantes encontradas foram: *prostituta*, *rapariga*, *puta*, *mulher da vida*, *quenga*, *piranha*, *meretriz*, *vagabunda*, *mulher da vida fácil*, *mulher de programa*, *mulher galinha*, *mulher fácil*, *mulher de rua*, *vadia*, *bandida*, *mulher cachorra*, *safada*, *perdida*, *mulher que costura pra fora*, *rameira*, *mulher da vida livre*, *mulher de aluguel*, *mulher gasolina*, *maria batalhão*, *mulher tostão*, *mulher qualquer*, *mulher de cabaré*, *mulher barata*, *mulher de zona*, *breguerra*, *bichetera*, *garota de programa*, *rateira*, *gata*, *espingarda*, *cesta básica*, *messalina*, *cachorra*.

Por último, temos os dados publicados no segundo volume do Atlas Linguístico do Brasil (2014) que traz em suas cartas, especificamente nas

cartas L15A e L15B, as denominações registradas, nas capitais brasileiras, para *prostituta*. Da carta L15A constam seis variantes mais frequentes: *prostituta*, *mulher ... (suas designações)*, *puta*, *rapariga*, *meretriz*, *rameira/rampeira* e *outras*. Na carta L15B destacam-se as seguintes variantes: *mulher da vida*, *mulher de programa*, *mulher piranha*, *mulher de vida fácil*, *mulher galinha*, *mulher de rua*, *mulher à toa*, *mulher de aluguel* e *mulher de zona*.

Diante dos dados aqui mencionados, já publicados no ALiB, no que concerne ao uso de variantes para *prostituta* na capital do Amapá (Macapá), constatamos que foram registradas 15 variantes: *prostituta*, *puta*, *garota de programa*, *rameira*, *rapariga*, *meretriz*, *prima*, *rampeira*, *mulher da vida*, *mulher de programa*, *mulher de vida fácil*, *mulher piranha*, *mulher à toa*, *mulher de aluguel* e *mulher galinha*.

Observamos que o item *prostituta*, nos dados dos trabalhos mencionados acima, nos revela não só uma pluralidade lexical, mas também nos permite, mesmo que empiricamente, refletir sobre os valores simbólicos e sociais que subjazem aos usos linguísticos que se fazem para designar *uma mulher que vende seu corpo por dinheiro*. Esses resultados nos instigam para além da intercomparação de dados linguísticos, nos instigam a realizar novas pesquisas em diferentes áreas, seja pelo viés histórico, sociológico ou antropológico.

## 2 Pressupostos e procedimentos metodológicos

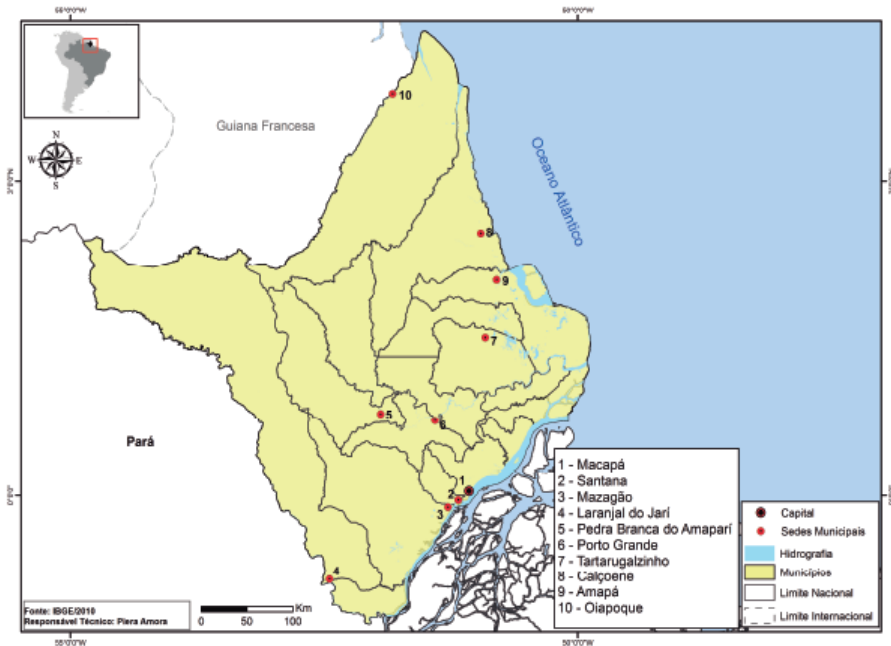
Os dados utilizados para esta pesquisa fazem parte do *corpus* do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá – ALAP. Para abordagem metodológica, procuramos seguir os fundamentos da geolinguística, método da dialetologia. Centramo-nos no estudo da variação diatópica e social, dado o caráter de uma pesquisa pluridimensional, já que, além do espaço geográfico, consideramos também as seguintes variáveis sociais: faixa etária e sexo.

Para a coleta de dados, utilizamos o questionário semântico-lexical proposto pelo comitê do projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Tal questionário contém 202 perguntas com 14 campos temáticos, no entanto, para esta pesquisa nos limitamos ao campo semântico que versa sobre *comportamento e convívio social*, e a partir desse campo destacamos o item 142. *Prostituta: como você chama para aquela mulher que se vende para qualquer homem?*

A escolha do item se deu devido ao grande número de variantes obtidas durante a pesquisa.

Em relação aos pontos de inquéritos foram selecionados 10 municípios: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Calçoene, Amapá e Oiapoque. Na figura 01, estão representados todos os pontos pesquisados.

Figura 01 - Pontos de inquéritos



Fonte: Mapa elaborado pelos autores.

Para cada ponto de inquérito foram selecionados quatro informantes: um homem e uma mulher de 18-30 anos, com ensino fundamental incompleto; um homem e uma mulher de 50-75 anos, com ensino fundamental incompleto. Assim, os dados apresentam no total de 40 informantes.

A análise se constituiu da seguinte maneira: a) foi apresentada a descrição dos dados, seguido da análise geográfica e social das variantes encontradas; b) foram expostas duas cartas linguísticas com todas as variantes encontradas, no entanto, na primeira carta apresentamos as variantes mais recorrentes e na segunda as variantes menos recorrentes,



c) foi apresentada uma tabela com as variantes encontradas e as possíveis entradas em dicionários, neste caso, foram consultados os dicionários Ferreira (2009) e Houaiss (2001).

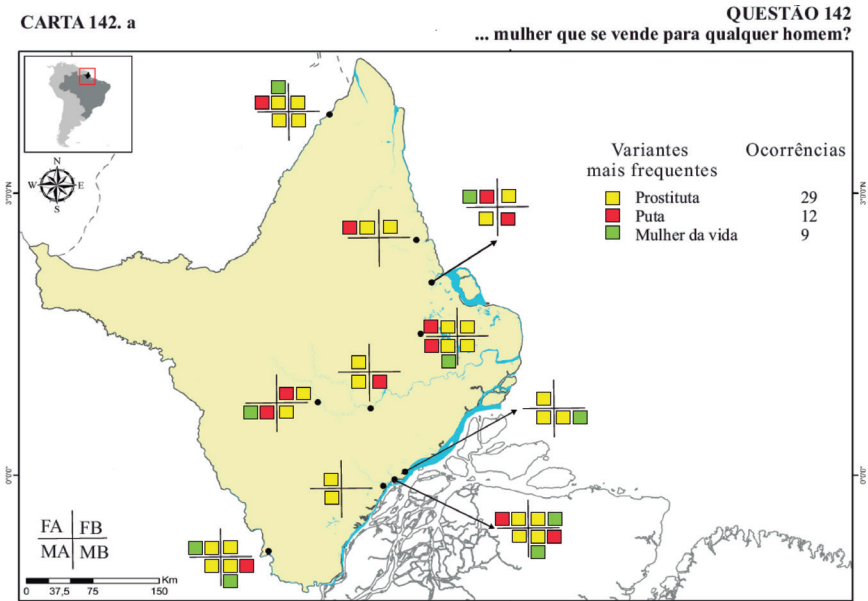
Vale lembrar que cada variante se encontra identificada por símbolos e cores. No que tange à identificação do perfil do informante, o símbolo sinalizado pela cruz de estratificação (+) indicará a posição de cada um. Do lado esquerdo superior se encontram: informantes mulheres, 18-30 anos (FA); do lado esquerdo inferior: informantes homens, 18-30 anos (MA); do lado direito superior: informantes mulheres, 50-75 anos (FB); e do lado direito inferior: informantes homens, 50-75 anos (MB). Por fim, foram feitas algumas considerações sobre as variantes encontradas no estado do Amapá.

### 3 Variação lexical para o item “prostituta” no Amapá

A respeito da variação lexical, no que tange ao aspecto geográfico, a análise foi feita mediante verificação de variantes lexicais predominantes em localidades específicas do estado do Amapá. Já em relação à variação em seu aspecto social, foram analisadas as variantes verificando o sexo e faixa etária dos informantes, como fatores extralinguísticos determinantes.

As cartas 142.a e 142.b, tratam da questão 142 do questionário Semântico-Lexical do ALiB. Queríamos saber como as pessoas chamam a *mulher que se vende para qualquer homem?* Diante desta pergunta, registramos 20 variantes: *puta, prostituta, mulher da vida, quenga, garota de programa, periguete, cachorra, depravada, mulher solteira, vagabunda, rapariga, ploque, sem vergonha, mulher da rua, mulher de programa, safada, oferecida, piranha, meretriz e babilônia*. A Figura 03 reproduz a carta 142a contendo apenas as variantes mais frequentes.

Figura 03 – Variantes lexicais mais recorrentes



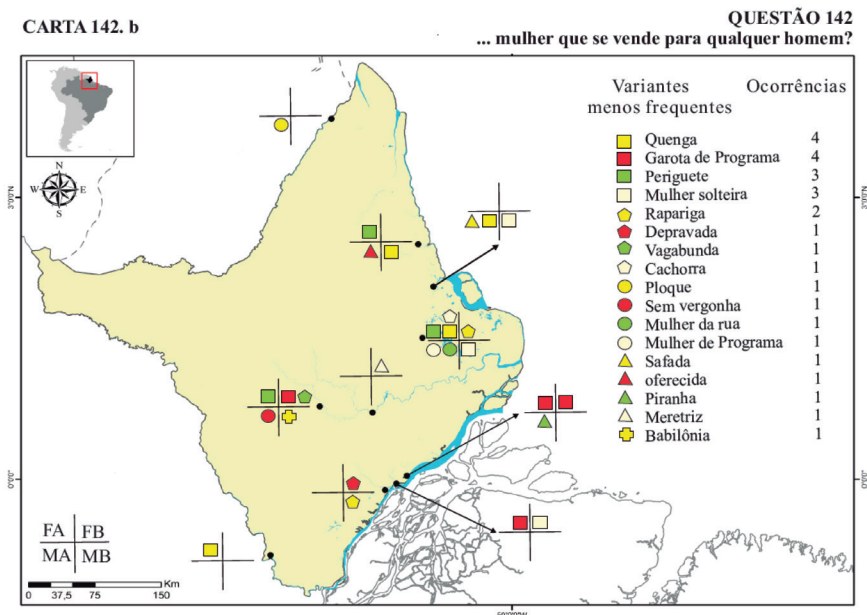
Fonte: Mapa elaborado pelos autores

Como observado na figura acima, registramos como variantes mais frequentes: *prostituta*, com 29 ocorrências (38%); *puta*, com 12 ocorrências (16%); e *mulher da vida*, com nove ocorrências (12%). Em uma análise diatópica dessas variantes, constatamos que a variante *prostituta* está presente em todos os pontos pesquisados, aparecendo na fala de todos os informantes nos pontos 10 (Oiapoque), 07 (Tartarugalzinho), 04 (Laranjal do Jarí) e 02 (Santana). A variante *puta* ocorre em quase todos os pontos, exceto na capital, Macapá, ponto 01. Por último, observamos que a variante *mulher da vida* ocorre somente em 07 pontos, ausente nos pontos 08 (Calçoene), 03 (Mazagão) e 06 (Porto Grande).

No que tange ao aspecto social, as variantes *puta*, *prostituta* e *mulher da vida*, são todas de conhecimento dos informantes. No entanto, a variante *prostituta* ocorre predominantemente na fala dos homens e mulheres de primeira faixa etária, neste caso, nas mulheres com 28% de ocorrência e nos homens com 27%. Já a variante *puta* predomina na fala das mulheres de primeira faixa etária (18-30). Por último, a variante *mulher da vida* se apresenta com maior frequência na fala dos homens de segunda faixa etária.

A figura 04 reproduz a carta 142.b com as variantes lexicais menos recorrentes.

Figura 04 – Variantes lexicais menos recorrentes



Fonte: Mapa elaborado pelos autores

Em relação à carta 142.b, registramos 17 variantes menos recorrentes, são elas: *quenga*, *garota de programa*, *perigete*, *cachorra*, *depravada*, *mulher solteira*, *vagabunda*, *rapariga*, *ploque*, *sem vergonha*, *mulher da rua*, *mulher de programa*, *safada*, *oferecida*, *piranha*, *meretriz* e *babelônia*. Diante da carta 142.b, considerando somente as cinco primeiras variantes (*quenga*, *garota de programa*, *perigete*, *mulher solteira* e *rapariga*), constatamos que a variante *quenga* se apresenta na fala de informantes de primeira faixa etária, sobressaindo-se na fala das mulheres mais jovens; a variante *garota de programa* predomina na fala das mulheres, independentemente da faixa etária; já a variante *perigete* se concentra na fala das mulheres de primeira faixa etária; e por fim, as variantes *mulher solteira* e *rapariga* predominam nas falas de homens e mulheres de segunda faixa etária.

Após essa descrição e o mapeamento das variantes lexicais para *prostituta* no Amapá, ressaltamos que também é importante verificar como tais variantes estão registradas nos principais dicionários de língua

portuguesa do Brasil. Daí a necessidade de consultar os dicionários de Língua Portuguesa: Ferreira (2009) e Houaiss (2001). Abaixo listamos todas as variantes encontradas neste estudo e ao lado a entrada de cada uma delas nos dois dicionários consultados. Para leitura da tabela, deve-se considerar: MA = Mesma Acepção, OA = Outra Acepção e ND = Não dicionarizada.

**Tabela 01 – Variantes nos dicionários**

Variantes	Houaiss	Aurélio
1. Babilônia	OA	OA
2. Cachorra	OA	OA
3. Depravada	OA	OA
4. Garota de programa	MA	MA
5. Meretriz	MA	MA
6. Mulher da rua	MA	MA
7. Mulher da vida	MA	MA
8. Mulher de programa	MA	MA
9. Mulher Solteira	MA	MA
10. Oferecida	MA	MA
11. Perigete	ND	ND
12. Piranha	MA	MA
13. Ploque	ND	ND
14. Prostituta	MA	MA
15. Puta	MA	MA
16. Quenga	MA	MA
17. Rapariga	MA	MA
18. Safada	OA	OA
19. Sem vergonha	OA	OA
20. Vagabunda	OA	OA

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

Deste modo, observamos que apenas duas variantes ainda não foram dicionarizadas, *Perigüete* e *Ploque*. Em relação às demais, constatamos que somente as variantes *puta*, *prostituta*, *mulher da vida*, *quenga*, *garota de programa*, *mulher solteira*, *rapariga*, *mulher da rua*, *mulher de programa*, *oferecida*, *piranha* e *meretriz* foram registradas na acepção de *mulher que mantém relações sexuais por dinheiro*. Já as variantes *cachorra*, *depravada*, *babelônia*, *sem vergonha*, *safada* e *vagabunda* constam dos dicionários, porém, com outra acepção.

#### 4 Algumas considerações

Constatamos que para o conceito que remete à *prostituta*, nos dados de pesquisas realizadas em outros estados e regiões do Brasil, as variantes *prostituta* e *puta* são as mais frequentes, coincidindo com os dados do Amapá. De forma geral, em relação ao aspecto diatópico, as variantes lexicais para *prostituta*, tanto em maior quanto em menor frequência, estão bem distribuídas e não há uma interferência de natureza geográfica que determine o uso de variantes lexicais específicas. Já para o aspecto social, constatamos que as variáveis idade e sexo podem influenciar o uso específico de algumas variantes, como o uso das variantes *prostituta* e *perigüete* encontradas predominantemente nas falas de informantes de primeira faixa etária; e *mulher solteira* e *rapariga* na fala de informantes de segunda faixa etária.

Outra questão a ser considerada, é a ausência do registro de algumas variantes em dicionários, como *perigüete* e *ploque*, e de variantes que constam com acepções diferentes, como é o caso da variante *babelônia*. Ainda assim, precisamos de um estudo mais aprofundado sobre as variantes lexicais que estão emergindo, como a variante *perigüete*.

Os resultados apresentados aqui também possibilitaram comparar com os dados publicados no Atlas Linguístico do Brasil, levando-nos a afirmar que boa parte das variantes lexicais para *prostituta* encontradas no Amapá também podem ser observadas nos dados mapeados e descritos para o projeto ALiB.

Por meio do que já foi explorado neste artigo, observamos que as pesquisas realizadas no campo da dialetologia e da geolinguística, que aos poucos se iniciam no estado do Amapá, podem revelar muitos fenômenos de natureza linguística e que precisam ser investigados. A partir disso,

ressaltamos a importância de estudos na área, principalmente quando se fala na elaboração de um Atlas Geossociolinguístico do Amapá, como uma das formas de “fotografar” a língua falada dentro do espaço amazônico, possibilitando conhecer um pouco mais sobre o perfil linguístico da Região Norte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci; ALTINO, Fabiane. *Para um Atlas Pluridimensional: pesquisas e pesquisadores*. Alfa, São Paulo, 56 (3): 871-889, 2012.

ALMEIDA, Edilene. *Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco*. 2009. 121 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ARAGÃO, Maria do Socorro. *Variantes regionais e sociais de “prostituta” em capitais nordestinas: dados do ALiB*. In: RAZKY, Abelhak (et al.). *Estudos sociodialetais do português brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2014, p. 127-142.

\_\_\_\_\_. *Varição Fonético-lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste*. Revista do GELNE, Ano 1. n. 1, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Léxico da Região Norte do Brasil*. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC - Manaus, AM - Julho/2009.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007

BIDERMAN, Maria Tereza. *As ciências do léxico*. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 153-166.

CARDOSO, Suzana (et al.). *Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S. *A história do Atlas Linguístico do Brasil*. In: CARDOSO, Suzana (et al.). *Atlas Linguístico do Brasil: introdução*. Londrina: EDUEL, 2014.

\_\_\_\_\_. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CRISTIANINI, Adriana. *Atlas semântico lexical da região do grande ABC*. 2007. 635 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DUBOIS, Jean. (et al.). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRA, Aurélio. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

GUEDES, Regis. *Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do Estado do Pará*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana. *Sobre a Dialetologia no Brasil*. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

OLIVEIRA, Dercir. *O estudo dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho?* AGUILERA, V. et al. (orgs.). In: A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

RAZKY, Abdelhak. *A Dimensão Sociodialetal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. SIGNUM: estudos da linguagem, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013.

ROMANO, Valter. *Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão*. Entretextos. Londrina, v.13, n. 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.

THUN, Harald. *La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle*. In: CONGRES INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 22, 1998, Bruxelles. ACTES. Tübingen: Niemeyer, 2000. p.367-388. v. III.